

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DO HÁBITO DA LEITURA: A RELAÇÃO E CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA E FAMÍLIA

Aleandro dos Santos COSTA¹

Orientador: Prof. Especialista Celso FRANCES JR.²

RESUMO: O presente trabalho versa sobre a importância e contribuição existente na relação entre a família e escola no processo de aquisição e no hábito da leitura, nos alunos do ensino fundamental I. O objetivo é analisar o papel de cada uma dessas entidades como uma fonte de motivação na formação de um bom leitor. Para tanto, esta pesquisa de campo utilizou-se de um questionário que foi aplicado com alunos, pais e professores, em uma escola de ensino fundamental do meio rural do município de Breves-Pará. Como embasamento teórico utilizou-se Freire (2001), Silva (1994), Machado (1987), Kleiman (2002), Bamberger (1984), entre outros. Após, a análise dos dados chegou-se a conclusão que há pouco interesse por parte dos alunos no tocante a leitura, e isso é consequência em grande parte da falta de incentivo da família.

PALAVRAS-CHAVE: Família. Escola. Interação. Hábito da leitura.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu a partir de um projeto de leitura “Minha escola tem leitura” desenvolvido com crianças do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I, na escola São Francisco, localizada na comunidade de mesmo nome no rio Buiussu, município de Breves. A partir daí, surgiu uma inquietação a respeito dos caminhos que despertam o gosto pela leitura e que, conseqüentemente, levam ao hábito da mesma, desde o ambiente familiar até o ingresso na escola, pois como bem sabemos, infelizmente, a leitura ainda não é tida em nosso cotidiano como uma prática social importante, principalmente em se tratando de zona rural onde as crianças são incentivadas a trabalhar desde cedo para auxiliar seus pais nas múltiplas tarefas diárias.

Nesse contexto, estudar os caminhos que levam ao desenvolvimento do gosto pela leitura na escola campo da pesquisa aqui apresentada – apesar de ocorrer um déficit bastante expressivo de falta de participação no projeto de leitura – proporcionou a percepção de outro problema, a falta de interesse pela leitura.

Ângela Kleiman (2008, p. 151/152) salienta que ensinar a ler é

criar uma atitude de experiência prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, [...] é ensinar a criança a se autoavaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio; é ensinar a múltipla fonte de conhecimentos – linguísticas, discursivas, enciclopédicas – para resolver falhas momentâneas no processo; é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo, e que as sequências

¹ Graduando do curso de Letras - Habilitação em língua portuguesa – UFPA, campus Breves-PA.

² Prof. Da UFPA Campus universitário de Breves-PA.

discretas nele contidas só têm valor na medida em que elas dão suporte ao significado global.

Nesse sentido, é imprescindível que se crie na sala de aula meios para que a criança interaja universalmente com o autor por meio do texto, afinal a leitura só ganha significado, quando o leitor se desacomoda e interage com o texto. Assim, vale ressaltar que as palavras de Ecco (2010) em relação à leitura resumem, de forma apropriada, a ideia aqui delineada:

O ato de ler é um exercício de indagação, de reflexão crítica, de entendimento, de captação de símbolos e sinais, de mensagens, de conteúdo, de informações. É um exercício de intercâmbio, uma vez que possibilita relações intelectuais e potencializa outras. Permite-nos a formação dos nossos próprios conceitos, explicações e entendimentos sobre realidades, elementos e/ou fenômenos com os quais defrontamo-nos (versão *on-line*).

Desse modo, a leitura constitui-se em uma atividade de reflexão e uma forma de expandir os horizontes. Tal hábito deve ser como uma pequena semente plantada e cuidada desde cedo no seio familiar até o ingresso na escola, tornando-se assim a responsabilidade de pais e professores essencial nesse processo de aquisição e hábito pela leitura, como motivação ao desenvolvimento e crescimento intelectual do sujeito leitor.

Com a aplicação de um questionário com dois professores, três pais de alunos e três alunos, buscou-se verificar a importância e contribuição existente na relação entre a família e escola no processo de aquisição e no hábito da leitura dos alunos da escola São Francisco no rio Buiussu. Nesse sentido, buscou-se perceber também, qual o incentivo familiar que tais alunos recebem para desenvolver o gosto pela leitura, e qual o papel exercido pelos educadores, enquanto escola, nesse processo.

Apesar de a família exercer uma grande influência na educação dos filhos falta um pouco mais de participação neste importante processo. No que tange ao acompanhamento da educação e no incentivo adequado às crianças a criarem o hábito de ler, não adianta apenas a escola incentivar a leitura se a própria família não o faz, sendo ela, a principal responsável pelo primeiro contato com a aprendizagem. Afinal, o hábito da leitura não é uma coisa que se aprende instantaneamente, requer muito esforço, incentivo, motivação e se processa em longo prazo. Esse é um desafio que pais e educadores devem tomar para si.

2 CONCEPÇÃO DE LEITURA

Ler o mundo precede a leitura da palavra, disse Paulo Freire em seu artigo “A importância do ato de ler” (1997). Daí que cabe ao professor provocar este conhecimento de mundo no aluno para que em simbioses aos conhecimentos produzidos na escola, o aluno desenvolva habilidades cognitivas voltadas ao prazer de ler.

A leitura costuma ter definições nos dicionários como a que segue: “Leitura. [Do lat. Med. Lectura.] S.f.1. Ato ou efeito de ler. 1. Arte de ler. 3. Hábito de ler. 4. Aquilo que se lê. 5. O que se lê, considerado em conjunto. 6. Arte ou modo de interpretar e fixar um texto de autor, segundo determinado critério. [...] (FERREIRA, 2004, p. 1.093)”.

Existem vários estudos relacionados ao processo de aquisição da leitura, dentre eles destacam-se os estudos em psicolinguística, por apresentarem de forma consistente que o ato de ler consiste em olhar um texto e a ele atribuir significado, onde o leitor decodifica símbolos para se obter a compreensão do que se lê. Porém, há muito tempo a leitura deixou de ser vista como mera decodificação de símbolos. Comprovou-se que não é necessário que o leitor decodifique todo o texto para se obter compreensão. São necessários procedimentos interacionais, entre autor, leitor, e texto para que se obtenha a compreensão do que se lê.

O ato de ler envolve, segundo Kleiman (2002, p.13), “a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual e o conhecimento de mundo,” tais conhecimentos levam o leitor a construir o sentido do texto. É por isso que “a leitura é considerada um processo interativo” (KLEIMAN, 2002. p.13).

Nesse sentido, este artigo adota a visão interacionista de Mikhail Bakhtin (1997), quando este afirma que o leitor proficiente reflete sobre o enunciado e dialoga com seu meio, pois

compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN, 1997, p. 132)

Assim, a leitura é resultado do processo dialógico entre autor e leitor, onde estão envolvidos conhecimentos e experiências resultantes de habilidades que envolvem raciocínio, desenvolvimento intelectual e fatores culturais, como o hábito de ler. No processo interacionista, onde o autor escreve para o leitor, deve haver um equilíbrio onde o leitor tenha a possibilidade de entendimento do que lê, para que, paulatinamente se desenvolva o gosto pela leitura. Nesse sentido, Porto (2009, p.24) reforça que

na concepção interacionista, a leitura é entendida como um processo de produção que se dá a partir da relação dialógica que acontece entre dois sujeitos – o autor do texto e o leitor. [...] O ato de ler envolve práticas e experiências humanas nas quais

devem ser considerados diversos fatores, como a idade do leitor, seu grau intelectual, seus gostos e cultura, entre outros.

Faz-se então necessário que a escola dê ênfase ao valor da leitura, como ato de aprendizagem que requer dedicação e senso crítico, tanto do aluno, como do professor, e, principalmente da família, para que, assim, se obtenha uma educação de qualidade que formem pessoas críticas e reflexivas, pois a pessoa que lê e compreende o conteúdo da leitura, conhece um universo particular e é capaz de transportar-se para o desconhecido, explorá-lo e decifrá-lo.

A interatividade autor/leitor é levada em consideração também em Klaiman (2002, p. 19) para quem “os textos também podem ser classificados levando-se em consideração o caráter da interação entre autor e leitor, pois o autor se propõe a fazer algo, e quando essa intenção está materialmente presente no texto, através das marcas formais, o leitor se dispõe a escutar, momentaneamente, o autor, para depois aceitar, julgar, rejeitar (et.al., p.19)”. Desse modo, pode-se dizer que a leitura ocorre de diversas formas, dependendo dos objetivos da leitura, ela pode variar desde a simples passada de olhos sobre o texto, o que é comumente realizada em sala de aula, até a busca por conceitos referentes ao objetivo traçado no início dela.

Portanto, o hábito da leitura é um bem que favorece a qualidade de vida, devendo ser semeada desde a infância, no convívio familiar. É um caminho a ser percorrido partindo da conscientização social, pois acreditamos que a leitura é possível em todas as fases da vida do ser humano. Abordar o tema leitura sobre o aspecto de uma compreensão crítica do ato de ler consiste em uma tarefa que envolve, também, a compreensão da importância do ato de ler como uma prática prazerosa que se revela de extrema importância para a formação crítica do sujeito leitor.

3 A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DO HABITO DE LER

Em nosso seio familiar que é onde tudo começa, aprendemos os princípios e valores de conduta que nos acompanharão durante toda nossa vida. É onde damos nossos primeiros passos. Tal ambiente tão propício ao fomento de conhecimento e construção de uma personalidade deve ser cultivado como aquela pequena “semente” plantada que precisa de cuidados para poder dar frutos. A família torna-se essencial como primeira fonte de interação, pois nós, como pequenos aprendizes, precisamos dessa interação com o mundo para saciar nossa curiosidade a fim de armazenar abundantemente, saberes, conhecimentos, experiências, que precisam ser alimentados e motivados, para que, caso contrário, com o tempo, não haja um distanciamento cada vez maior do caminho que leva à leitura, o hábito corriqueiro e agradável de ler. Yunes (1984, p.53), afirma que no Brasil “o

hábito de ler não representa uma tradição e, por isso, a motivação através de técnicas específicas deve ser encarada como um campo de estudo e pesquisa de novas modalidades que visem à aproximação do livro com o leitor”.

No campo da pesquisa aqui apresentada, é perceptível a ausência de elementos incentivadores ao hábito de ler nas famílias de alunos da escola São Francisco. Seja pelo baixo grau de escolaridade dos pais, seja pela ausência de objetivos na prática da leitura. Em estudos sobre a motivação do ato de ler, Ryan; Deci *apud* Tapia; Montero (2004) citado por Alves ([s/d], p.3) dizem que

um aluno pode ser *intrinsecamente motivado* para a atividade quando esta significar para ele o desenvolvimento de capacidades e o crescimento cognitivo, superando dificuldades e aborrecimentos na busca do conhecimento, além de mover-se espontaneamente na busca da informação.

Isto é, se a família não incentiva a leitura por não ver objetivos explícitos para tal ato, o estudante não se sente motivado a buscá-la ou mesmo, a praticá-la porque não vê um fim específico para isso, mesmo que este seja um ato prazeroso. Adultos que nunca pegam um livro para ler, que passam tempo demais trabalhando ou que pouco discute ou conversam, não deixam espaço para reflexão ou para o aprimoramento de conhecimentos.

Assim, a participação da família no processo de aquisição do gosto pela leitura torna-se cada vez mais, de grande valia, pois como diz Silva (1996, p. 205),

o interesse, por vezes, determina atitudes difíceis de serem explicadas apenas pela lógica humana. A psicologia pode ajudar quando classifica os diversos tipos de temperamento, em função dos quais esses mesmos interesses se manifestam. O homem prático e objetivo, o realista terá, provavelmente, interesses diversos dos peculiares ao tipo romântico, preocupado, sobretudo com questões de ordem estético/afetiva.

Nesse sentido, o meio em que o indivíduo convive, influencia seus comportamentos e gostos. Se a criança convive com pais leitores, certamente desenvolverá gosto pela leitura. Porém, pode ocorrer o inverso, crianças que não possuem pais que lêem, podem desenvolver o hábito pela leitura por meio da curiosidade ou mesmo por obrigação. Neste caso, por ter sido obrigada a ler, por exemplo, na escola por conta de algum trabalho, o gosto se desenvolve e o que antes era obrigação, passa a ser visto como algo prazeroso.

Isto é, o meio em que a criança convive, possui papel ativo na construção dos hábitos que esta criança terá enquanto sujeito social. Bamberger (1987, p. 70) reforça tal pensamento afirmando que “Os hábitos são mais bem incorporados se têm como base modelos de

comportamento tirados do meio, ‘ideais’ apresentados pelos pais, professores e, sobretudo, pelo grupo que o jovem frequenta.”

4 A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DO LEITOR

Quando a criança vem de um lar de pouco ou nenhum leitor, recai sobre a escola a tarefa de promover o contato deste com a leitura. Não a leitura obrigatória por conta de algum trabalho, seja ele, de língua portuguesa, história, geografia ou qualquer outra disciplina, mas a leitura como prática saudável, como exercício para a saúde mental, como desenvolvimento da cognição e como fonte de conhecimento. Nada mais natural, então, que a escola integre a vida do aluno, a prática da leitura.

No entanto, as opiniões acerca das atividades de leitura desenvolvidas nas escolas não têm sido muito positivas. Os alunos afirmam não gostar das atividades de leitura realizadas em sala de aula porque os causa intimidação ou mesmo vergonha de participar, principalmente se a atividade consistir em ler em voz alta. Bamberger (1987, p.70) acredita que “os livros não devem ser considerados como ‘trabalho escolar’, mas como companheiros.” Assim, a aversão à leitura em sala de aula ocorre, principalmente, porque os alunos não se sentem seres autônomos ou suficientes para realizar atividades, a seu ver, “desmotivadoras”, quando postas em comparação àquelas em que o próprio aluno escolhe um texto para ler.

Ângela Kleiman (2001, p.8) enfatiza o problema mencionando que “esse aluno não encontra espaço de ação na escola, nem mesmo na aula de leitura, dada a banalidade das atividades que são inventadas para preencher seu tempo de leitura nesse contexto.” Isto evidencia a falta de planejamento das atividades de leitura de modo que ela venha beneficiar o aluno levando-o a desenvolver suas habilidades e adquirir novas.

A oportunidade de entrar em contato com o universo da leitura deve ser dada ao aluno através das aulas de leitura, pois de acordo com Bortolom (1998, p.118 apud SANTOS, 2006) “no Brasil a escola talvez seja o único lugar onde a grande maioria das pessoas tem contato com o livro”³ ainda que, de forma distorcida. Neste sentido, é preciso que a escola desenvolva metodologias que chamem a atenção do aluno, que lhe dê a oportunidade de utilizar seus conhecimentos prévios, para que em sintonia ao texto, possa haver interação e consequente interpretação das informações nele contidas. Assim, “quando o aluno ansiar por leituras além

³ Versão *online*.

daquelas oferecidas pelos professores, que ela surja sem condicionamentos, enfim, quando e onde ele bem desejar, livremente”⁴ (SANTOS, 2006).

Nesse sentido, a participação da escola no processo de construção do leitor não se restringe somente as leituras ditas “obrigatórias”. Pois, como diz De Pietri (2009, p. 33), “a leitura não é uma prática escolar, mas uma prática escolarizada”. Isto é, a tarefa de estimular a criança a desenvolver o gosto pela leitura, deve vir de fora da escola, deve vir da família. Assim, a escola aprimora e torna frequente o ato de ler, instigando este gosto para que ele contribua de forma positiva para o aprendizado efetivo do aluno. Desse modo, apesar do relevante papel da escola na formação de leitores, ela nunca substituirá os pais neste importante papel. Daí a importância do elo de ligação entre ambas as instituições, escola e família, neste processo de formação de leitores. Pois a leitura não está vinculada somente a textos, mas também a ocorrências cotidianamente variadas, às várias mídias existentes e ininterruptamente em expansão, enfim, a leitura prepara o sujeito para o mundo.

5 METODOLOGIA

A escola campo da pesquisa E. M. E. F. São Francisco localizada ao Rio Buiussu, zona rural do município de Breves, possui pela manhã: 74 alunos (42 mulheres e 32 homens) e a tarde: 53 alunos (30 mulheres e 23 homens). Na escola funcionam 5 turmas de manhã e 5 turmas a tarde. Esta escola foi escolhida para sediar o projeto de leitura por mim desenvolvido e aplicado por ser meu local de trabalho.

Para a realização desta pesquisa foi aplicado um questionário específico entre pais alunos e professores, da escola campo de estudo, bem como observações diárias de seu cotidiano em ambiente familiar e escolar. Durante um período de 7 meses, período de desenvolvimento do projeto de leitura, “Minha escola tem leitura”, acompanhei as metodologias dos dois professores, bem como suas estratégias de ensino.

Nesta pesquisa obtiveram-se dados empíricos advindos de um estudo de caso realizado com métodos da abordagem de pesquisa qualitativa, pois o estudo qualitativo é para André (1986, p. 18 *apud* VELHO e LARA, 2006), o que se desenvolve numa situação natural e rica em dados descritivos e tem um plano aberto e flexível que focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.

O objetivo da pesquisa é constatar e analisar a relação entre a família e a escola no processo de aquisição do hábito da leitura nos alunos do ensino fundamental I da escola São Francisco, do rio Buiussu. Por isso a abordagem qualitativa de pesquisa, pois de acordo com Minayo (1996 *apud*

⁴ Idem.

BONI e QUARESMA, 2005. p. 70) “as pesquisas qualitativas [...] trabalham com: significados, motivações, valores e crenças e estes não podem ser simplesmente reduzidos às questões quantitativas, pois que, respondem a noções muito particulares”. Porém, ainda em concordância a Minayo, os dados quantitativos e os qualitativos se complementam dentro da pesquisa. Desse modo, somente uma pesquisa quantitativa não teria eficiência para a constatação desses elementos. Assim, o zelo maior desta pesquisa é a possibilidade de comparação com o conjunto de perguntas aplicadas aos entrevistados para que a diferença surja nas respostas e não nas perguntas.

Nesse sentido, esta pesquisa tomou rumos de estudo de caso, com perguntas focadas, previamente formuladas que serviram para corroborar o que o entrevistador pensava a respeito do assunto estudado. Conforme André (1986 *apud* VELHO E LARA, 2006. p. 13),

o estudo de caso, seja simples e específico ou complexo e abstrato, é —[...] sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. Desse modo, ao envolver um grupo específico de pessoas não delimitamos uma amostra representativa, não visando, portanto, generalizações (YIN, 2001), embora o estudo possibilite relacionar os dados obtidos a situações semelhantes.

Isto é, a essência de um estudo de caso está, pois, no fato de ser uma estratégia para pesquisa empírica empregada para a investigação de um fenômeno contemporâneo, em seu contexto real, possibilitando a explicação de ligações causais de situações singulares. Para isso, o levantamento de dados foi realizado individualmente com cada um dos sujeitos envolvidos na pesquisa, por meio de entrevista focada.

Porém, embora tenha sido elaborado um roteiro de entrevista, as perguntas realizadas sempre abriam margem para novas perguntas e respostas, objetivando uma melhor interação entre entrevistado e entrevistador postos em mesmo nível. Para efeitos de complemento e compreensão da fala de cada um dos sujeitos de pesquisa e coleta de outros dados para análise foram necessários outros instrumentos, principalmente de observação de suas práticas.

6 SUJEITOS DA PESQUISA

Os professores sujeitos da pesquisa aqui chamados de colaborador 1 e 2, possuem formação voltada para a área da educação. O colaborador 1 é formado em pedagogia pela UFPA e o 2 formado em magistério e está terminando o curso de pedagogia pelo PARFOR⁵. O colaborador 1 atua há pouco mais de 1 ano e meio e o colaborador 2 trabalha há 6 anos na educação básica. O

⁵ Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.

primeiro leciona no 5º ano do ensino fundamental menor e, o segundo, leciona no 4º e 5º ano também do ensino fundamental menor.

Os pais 1, 2 e 3, sujeitos da pesquisa em questão, trabalham o pai 1 como zelador da escola, o pai 2, como ACS da comunidade e o pai 3 como servente da escola. Ambos os pais possuem, sucessivamente 4, 2, e 3, filhos matriculados na escola campo da pesquisa. Seus graus de escolaridade variam entre, Pai 1: 4º série, Pai 2: 7º série e Pai 3: 8º série. Ambos os pais declaram não possuir o hábito de ler.

Os três alunos envolvidos nesta pesquisa são matriculados no 4º e 5º ano do ensino fundamental menor, da escola São Francisco, no Rio Buiussu.

7 ANÁLISE DOS DADOS

As respostas obtidas a partir do questionário acima referido permitem o diagnóstico de um conjunto de atitudes e de hábitos de leitura de alunos de quarto e quinto ano na escola São Francisco, rio Buiussu. A obtenção de um perfil de leitores em formação proporciona a compreensão de problemas relacionados à ausência de incentivos/motivação a prática da leitura.

Na aplicação do questionário voltado aos professores, na resposta obtida sobre a questão 4: “Você trabalha leitura com seus alunos?”, foi possível perceber que existe certa resistência por parte dos alunos quando se trata de leitura, pois o colaborador 1 – disse que trabalha, “mas os alunos não gostam muito, eles tem preguiça de ler ou fazer interpretação”. Já o colaborador 2, simplesmente disse que sim. Ou seja, fica subentendido que o exercício da leitura como algo relevante, não é levada de maneira atrativa aos alunos, o que ocasiona a resistência à prática da leitura em sala de aula.

Para Richard Bamberger a aversão à leitura advém do fato de que muitas vezes não se sabe ler. Para ele, não se pode contrair um hábito cujo exercício consista em uma prática dolorosa, pois todo hábito desenvolve-se na vida como jogo que, por proporcionar emoções e instigar prazer, estabelece uma constante repetição como atividade renovadora.

Em consonância a fala dos professores, as respostas obtidas com os pais reforçam a constatação acerca da ausência de estímulo a leitura como prática prazerosa e atividade de lazer. Quando perguntados se incentivavam seus filhos a ler, as respostas foram unânimes: Pai1: Não, mas agora vou. Pai 2: Às vezes ele não ta fazendo nada e eu falo pra ele ir ver pelo menos um livro, pra ler. Pai 3: Não, mas agora funciona um projeto na escola sobre leitura.

Observa-se, com isso, que há uma tentativa por parte dos pais, de transferir sua responsabilidade de principal incentivador da educação dos filhos e fixá-la sobre a escola. De

acordo com Alves [s/d], “no caso da leitura, a participação da família na construção do leitor é incontestável, mas não apenas a família, a escola e a sociedade também participarão dessa construção”. No entanto, a escola por ter uma atuação mais sistemática que a das demais instituições, acaba sendo, comumente confundida como principal responsável nesse processo. Nesse contexto, constatou-se que há ausência de cooperatividade entre ambas as instituições e que esta disparidade resulta em leitores não ativos.

Pois, quando perguntado aos professores “qual a importância de incentivar a criança a ler desde cedo?” as respostas obtidas evidenciaram certo jogo de responsabilidades. O colaborador 1 respondeu que “é muito bom a criança criar esse hábito desde cedo, mas isso não depende só de nós educadores. *O incentivo também tem que vir da família*”⁶. O colaborador 2 respondeu que “é legal criar o hábito de ler nas crianças até mesmo para que ela cresça com um olhar diferente do mundo que a rodeia, mas só a escola não é capaz de mudar. *É preciso uma ação conjunta entre os pais e a escola*”⁷.

Sabe-se que deve haver parceria entre estas importantes instituições na vida do educando, pois “todos [...] precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual e social [...]. Essa mesma convicção deve ser então transmitida aos que estão aprendendo a ler” (BAMBERGER, 1987, p. 9).

Assim, o que se espera da escola de acordo com as respostas obtidas quando se perguntou sobre o papel desta instituição na educação dos filhos, a expectativa dos pais é de que escola deve preparar seus filhos para o mercado de trabalho. Não se observa uma preocupação com a formação ética desses indivíduos. O que fica ainda mais evidente nas respostas da questão 7 quando se perguntou “qual o motivo de não incentivar seu filho a ler?”. O Pai 1, respondeu que precisava trabalhar. O Pai 2, que trabalha e faz visita nas casas e não tem muito tempo. E o Pai 3, que pela manhã seus filhos estudam e a tarde ele trabalha na escola e não sobra muito tempo. Evidencia-se, dessa forma, que estes pais não participam de forma ativa no processo de aquisição da leitura porque não tem tempo, pois necessitam trabalhar.

Outro fator alarmante, neste sentido, foi a resposta de um dos pais quando perguntado se tinham conhecimento do projeto de leitura que estava sendo desenvolvido na escola. O Pai 1, disse que sim que achava que era uma coisa boa. O pai 2, não sabia da existência do projeto e o pai 3, respondeu que sabia e que seus filhos estavam participando. Nota-se, assim, que apesar da existência do projeto de leitura na escola, um dos pais deixou sua responsabilidade desse processo recair sobre a escola, não participando ativamente da vida estudantil de seu filho.

⁶ Grifo meu.

⁷ Idem.

Dessa forma, o que se constata neste estudo, é que a ausência de motivação e estímulos relacionados ao ato de ler revela-se nas respostas dos três alunos sujeitos da pesquisa. Quando revelam não ter livros em casa, ou quando têm apenas alguns e ainda didáticos. Por morarem na zona rural, o acesso a revistas e jornais restringe-se apenas em alguns exemplares desatualizados trazidos da cidade. O que justifica a baixa frequência do ato de ler, pois a maioria dos alunos entra em contato com livros apenas na escola. E esta ainda não possui suporte necessário para apoiar o aluno leitor, pois o acervo bibliográfico da escola campo da pesquisa consiste apenas em livros didáticos e estes só são liberados aos alunos em caso de atividades escolares.

Dados da pesquisa revelam que estes alunos pouco compreendem o que lêem. Segundo Kleiman (2002, p. 10),

a compreensão de texto parece amiúde uma tarefa difícil, porque o próprio objeto a ser compreendido é complexo, ou, alternativamente, porque não conseguimos relacionar o objeto a um todo maior que o torne coerente, ou ainda, porque o objeto parece indistinto, com tantas e variadas dimensões que não sabemos por onde começar a aprendê-lo.

O ato de ler envolve a compreensão do que se lê, porém, se o leitor não possui conhecimento prévio do que lê, a compreensão desta leitura fica comprometida. E este, certamente é um dos fatores que os desanima neste processo de formação leitora. A maioria deles relata ler o livro apenas pela metade e olhar as figuras.

Constatou-se também, que os professores trabalham com gêneros variados em sala de aula. O colaborador 1, disse trabalhar com textos variados, contos, fábulas principalmente, lendas regionais, etc. Já o colaborador 2, declarou levar Fábulas, quadrinhos, enfim, textos que eles possam se interessar por ler. Foi possível perceber esta influência sobre a escolha dos alunos pelos gostos desenvolvidos a partir das indicações dos professores. Pois, as respostas dos alunos, consistiu, justamente nos gêneros narrados pelos professores. O aluno 1 respondeu: As fábulas e contos. O aluno 2, As histórias em quadrinhos. E o aluno 3, também Histórias em quadrinhos. Este certamente é um ponto positivo, pois indica que, mesmo o aluno procurando ler por indicação do professor, o ato de ler acontece. Apesar de o aluno pouco se interessar pela leitura fora do âmbito escolar, a resposta a questão “com que frequência você lê?” foi, no mínimo animadora. As respostas consistiram em aluno 1: As vezes. Aluno 2: No projeto e o aluno 3: de vez em quando. Ou seja, mesmo sendo pouca a leitura, a implantação do projeto “Minha escola tem leitura” estimulou, pelo menos em parte a valorização do ato de ler. Pois proporcionou aos alunos participantes desta pesquisa, o contato com a leitura e com o universo proporcionado por ela.

Deste modo, evidencia-se a importância da implantação e continuidade de projetos como o aqui mencionado, como meio de proporcionar o contato com a leitura fora do contexto de sala de aula. Ou seja, sem a obrigatoriedade de leitura imposta pela escola. Vale ressaltar que a parceria, comunidade, família e escola, torna-se de suma importância para a formação não só educacional, como cidadã do aluno em processo de desenvolvimento estudantil.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do trabalho aqui apresentado percebeu-se um déficit bastante elevado no que tange a motivação da criação do hábito de ler nas crianças, verificou-se também que vários são os fatores que contribuem para este fato, a saber, a falta de incentivos da família, metodologia inadequada da escola em fazer o aluno se interessar e ter um contato maior em seu cotidiano. Enfim, nem tudo tende a ser visto de maneira negativa, pois, a implantação e continuação do projeto de leitura “Minha escola tem leitura”, desenvolvido na escola campo da pesquisa pelo “Mais Educação” seria uma forma de sanar esse quadro negativo, e tentar futuramente mudar esse quadro e quem sabe ser formador de leitores proficientes.

Apesar de muitos projetos voltados ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da leitura terem sido implantados nas escolas do município, ainda não se observou uma resposta positiva por parte de possíveis leitores formados nestes projetos. A leitura ainda é vista de uma forma genérica, o que evidencia a ausência de um amadurecimento de metodologias voltadas para esta área.

O hábito de ler não ocorre de forma espontânea, dá-se gradualmente por influências exteriores e interiores, tanto em contexto extra como intraescolar. A ativação do conhecimento por meio de experiências de leituras variadas ocasionadas pelo contato com gêneros variados fora da sala de aula torna-se cada vez mais necessário. E isto se dará na medida em que ocorra uma mudança na concepção da família em relação a sua participação na formação estudantil.

Pois de acordo com as constatações aqui apresentadas, chegou-se a conclusão que há pouco interesse por parte dos alunos no tocante a leitura, e isso é consequência em grande parte da falta de incentivo familiar e da escola por não investir em estratégias que envolvam o aluno no desenvolvimento deste hábito saudável. Isto é, esta relação escola/família ainda precisa ser fortalecida, para que, em simbioses, os resultados dessa mutualidade sejam cada vez mais positivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Alda Maria Ribeiro. **A formação de leitores dentro das escolas.** [s/d]. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/99.%20a%20forma%C7%C3o%20de%20leitores%20dentro%20das%20escolas.pdf. Acesso em: 06/02/2014.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura.** 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo, 1997a. 2ª Edição.

BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar:** como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. www.emtese.ufsc.br. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acesso em: 08/01/2014.

DE PIETRI, Émerson. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente.** 2. Ed. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

ECCO, Idanir. **Leitura:** do conceito às orientações. Disponível em: <<http://leituraebibliodiversidade.blogspot.com/2010/10/leitura-do-conceito-as-orientacoes.html>>. Acesso em: dez. 2010.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** 41ª ed, São Paulo: Cortez, 2001.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula:** prática da leitura de textos na escola. 2ª ed, Cascavel: Assoeste, 1984.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa.** Campinas SP: Pontes, 3ªed, 2008.

LUCK, G. **Página a página:** faça seus alunos se interessarem pela leitura. Curitiba: Profissão Mestre, set.200, p.10-13.

LÜDKE, M. E ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, EPU, 1986.

SANTOS, Marcus Vinícius Machado dos. **A leitura como prática cotidiana e motivacional:** da infância ao crescimento intelectual e discernimento crítico. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.11, n.1, p. 29 – 37, jan./jul., 2006. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/462/579>. Acesso em: 30/01/2014.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. **Ler em casa.** In:_____. A criança e o livro. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987, p. 18-21.

SILVA, E. T. **Elementos de pedagogia da leitura.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SILVA, E. T. da. **Leitura crítica – explicitação.** In:_____. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1981, p. 78-81.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A Leitura no Contexto Escolar.** São Paulo, Cortez, 1982.